

## As redes sociais a serviço do poder

### **As redes sociais não são neutras. Há sabotagens insidiosas e menos visíveis por trás dos boatos aloprados**

EUGÊNIO BUCCI

09/11/2017 - 08h01 - Atualizado 09/11/2017 12h44

Compartilhar

Assine já!

O mundo inteiro já sabe que as redes sociais, como Facebook e Twitter, têm uma responsabilidade enorme, quer dizer, uma responsabilidade planetária na difusão de notícias mentirosas, as famigeradas fake news. O mecanismo é bem conhecido. O sujeito vê na tela do celular um relato venenoso destruindo alguém que ele detesta, vibra de alegria, exulta, festeja e passa adiante. Assim, a mentira varre os continentes.

As redes sociais viciaram os humanos no prazer de ver seus piores preconceitos confirmados por qualquer coisa que tenha o aspecto de notícia jornalística. Esse tipo de prazer – esse sadismo invejoso, essa vingança ressentida – acabou se convertendo no mais poderoso combustível para a propagação de fraudes. Na era digital, as mentiras são tentações contagiosas que viajam na velocidade da luz.

O mundo inteiro também já sabe que as fake news abalam a democracia, pois distorcem as decisões de consumidores, eleitores, grupos sociais e órgãos de Estado. O exemplo mais comentado continua sendo a eleição de Donald Trump para a Presidência da República no ano passado. Trump foi ajudado por notícias absurdas espalhadas pelas redes, como a de que o papa Francisco seria um de seus apoiadores mais ardorosos. Muita gente disse “amém” e replicou a “boa-nova”.

O que nem todo mundo sabe é que há uma aliança subterrânea entre as redes e as formas mais selvagens de poder. As redes não são neutras. Por trás da propensão aparentemente infantil que elas têm de massificar boatos aloprados, há sabotagens insidiosas e menos visíveis. Com seu jeitão de praça descontraída onde as pessoas conversam e postam fotos que tiraram na praia ou na balada, as redes operam como uma indústria bilionária que promove o entretenimento primitivo, sacrifica a informação confiável e se associa a forças inimigas da liberdade e da justiça social.

Isso ficou escancarado na semana passada, quando dirigentes da área jurídica dos conglomerados Facebook e Twitter e Google (o Google também serve de difusor de todo tipo de conteúdo informativo ou

desinformativo) compareceram ao Senado americano para depor numa investigação complicadíssima. O Senado quer saber por que apareceu dinheiro russo (em rublos) na compra de serviços desses monopólios globais em prol da eleição de **Donald Trump** em 2016. Para encontrar as respostas, os senadores convocaram os executivos Colin Stretch (Facebook), Sean Edgett (Twitter) e Richard Salgado (Google). Eles têm algo a dizer.

A apuração está longe do final, mas, desde já, há indícios fortes de que uma potência estrangeira (a Rússia) apoiou a propagação de notícias não muito verídicas para interferir no curso das eleições nos Estados Unidos. Trata-se de uma interferência inaceitável, uma afronta às legislações de todos os estados nacionais e, principalmente, aos tratados internacionais.

As suspeitas começaram a piorar na segunda-feira passada (30 de outubro), quando o chefe da campanha de Donald Trump, Paul Manafort, resolveu se entregar ao FBI. Manafort é acusado de 12 crimes, incluindo lavagem de dinheiro. Ele teria arquitetado um complô com o governo russo para usar ilegalmente as redes sociais com o objetivo de eleger Trump. Seria ele o homem que combinou com os russos para que Trump pudesse contar com os rublos e com o beneplácito de Vladimir Putin.

O mundo inteiro sabe que a Rússia não é uma democracia, mas poucos percebem que Putin tem interesse em afastar os Estados Unidos da democracia. A julgar pelos atentados de Donald Trump contra a liberdade de imprensa e contra imigrantes, a estratégia vem dando certo. Os Estados Unidos começam a apresentar sintomas novos de autoritarismo.

Vladimir Putin já foi muito além das fake news. Agora, investe montanhas de rublos estatais para instalar suas próprias fake newsrooms (redações jornalísticas falsificadas) na Rússia e também pelo mundo afora. Com o aspecto de órgãos jornalísticos sérios, as fake newsrooms são máquinas de propaganda do Kremlin. As agências de notícias Sputnik são apenas uma dessas iniciativas, entre muitas outras. Trump ainda não foi tão longe, mas, se encontrar espaço, irá. Não duvide.

O quadro preocupa. A aliança entre formas selvagens de poder – como o de Putin – e as estridências festivas e cintilantes das tecnologias digitais – como o Facebook e o Twitter – não agride apenas os cidadãos americanos. Todos somos prejudicados, o projeto democrático sai perdendo, em todos os países. Nas redes sociais, quem espreita você é o pior dos poderes.